

A ARTE MUSICAL

Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini

Typ. do Annuario Commercial—C. da Gloria, 5

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — Quarteto de Joachim — Rabeca ou rebecca? — Concertos — Criticas litterarias — Praias e Thermas — Noticiario Bibliographia — Necrologia.



Quarteto Joachim

Quarteto de Joachim

O primeiro quarteto do mundo, dirigido por aquelle cujo nome de ha muito attingiu uma enorme celebridade nos annaes artisticos, data de 1869.

Desde 1856 possuia Berlim, já então considerado um dos primeiros centros musicaes do mundo, um magnifico quarteto, que na

opinião de Radecke, musico e critico de arte, foi o precursor natural do Joachim's quartett. Compunham esse grupo, já de certo modo notavel, os artistas Laub, Radecke, Wuerst, e o Dr. Bruns, um distinctissimo amator.

O quarteto concluiu a serie brilhante dos seus concertos em 1862, data em que se desorganizou em virtude da subita e inesperada viagem do seu primeiro violino, que foi cha-

mado a Moscow, sendo assim obrigado a abandonar o seu pedestal de gloria na Allemanha. Era inevitavel uma substituição porque o publico não se accommodava facilmente á ideia da extincção de um tão notavel grupo musical.

No entanto um grande escrupulo e um extraordinario criterio devia presidir á escolha. Foi assim que Joachim, já considerado como solista e interprete genial do classicismo

ver desligou-se, sendo substituido por De Ahna, e este por Rappoldi; seis annos depois occupava Wirth o lugar de Rappoldi, que por motivos fortuitos fôra chamado a Dresden. O quarteto que tão brilhantemente tinha conservado a primazia na arte germanica, começava a desmembrar-se; mas o alto criterio do Mestre bem sabia luctar com todas as contrariedades que se lhe antolhavam.

Müller sahia tambem, mas encontrava quasi



Joseph Joachim

militante, applaudido nas primeiras capitães do mundo, no começo de uma carreira que por todos os motivos se adivinhava brilhante, foi assim, iamoz dizendo, que o grande mestre se evidenciou.

Em Londres e Paris, dois centros de primeira ordem, era Joachim então já sobejamente considerado como quartetista, e por esta mesma razão estava naturalmente indicado para substituir Laub, o saudoso Mestre.

Contando com a collaboração dos seus dilectos discipulos Schiever, De Ahna e do violoncellista Müller organisou elle então o seu glorioso quarteto, que ha 36 annos se apresentou pela 1.^a vez deante de um publico ávido de colher as primicias dos seus triumphos. Desde então até hoje tem o quarteto soffrido varias substituições. Em 51, Schoe-

imediatamente um substituto da mesma envergadura: Robert Hausmann.

A breve trecho, De Ahna, de uma organização physicamente debil, contrastando singularmente com as suas poderosas facultades de artista, adoeceu de subito.

Ainda uma vez o celebre quarteto foi modificado nos seus alicerces.

Durante 2 annos, emquanto restava ainda a esperança de que o enfermo podesse um dia voltar áquelle excepcional centro artistico, Kruse substituiu-o a titulo transitorio. De Ahna porém morre em 92, em seguida a uma prolongada e dolorosa agonia. Kruse passa a fazer parte do quarteto como membro effectivo.

Por motivos que são do dominio de todos, Halir vae em 97 continuar a obra sob tão

bons auspícios encetada pelo seu collega Kruse.

Definitivamente compoem hoje o quarteto, como tres estrellas de 1.^a grandeza do systema em que Joachim é o sol, mas um sol de poderosa luz vivificante: Wirth, Hausmann e Halir.

A egualdade d'este conjuncto é maravilhosa, e sobre a individualidade artistica de cada um d'estes mestres poder-se-hiam escrever volumes de critica profunda. Não é porém possível entre os estreitos limites de que podemos dispôr, consubstanciar, a menos que muito concisamente, o alto valor determinante de uma adoração que tem attingido, em certos casos, a propria idolatria

Como interpretes de musica classica, mesmo nos mais transcendentos trechos, o Joachim's Quartett tem conservado ininterrupta a gloria adquirida no alto apogeu a que logo de começo conseguiu elevar-se

E' por exemplo d'uma notoria celebridade a execução do 1.^o andamento do quarteto em *fá maior* de Bethoven, denominado *Harfenquartett*, e ainda o *scherzo* do quarteto em *dó sustenido menor* do mesmo genial auctor ou as deliciosas variações em *ré menor* de Schubert.



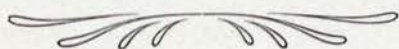
Os instrumentos em que os celebres artistas executam tanta obra prima são esthetica e tecnicamente dos melhores que existem. Fabricados pelo celebre Antonio Stradivarius (1644-1737) são avaliados em 100:000 marcos, ou, na nossa moeda, cerca de 24:000.000 réis.



Ha pouco tempo ainda teve Joachim uma das suas maiores consagrações. Foi por occasião da sua ultima viagem a Italia, onde o esperava um ruidoso e retumbante successo, quasi um delirio.

A colonia allemã, bastante numerosa em Roma, recebeu o Mestre como uma divindade, e como o genio é sempre cosmopolita, os artistas italianos levaram o seu entusiasmo a ponto de despertar no espirito do grande velhinho tal enternecedora commoção que muitos chegaram a ver entre um sorriso de bondade, as lagrimas deslisarem como perolas pela sua barba branca.

RAUL PEREIRA.



RABECA OU REBECA?

Parecia que se considerava fechado o debate, ou estava pelo menos esgotada a argumentação.

Pois não é assim: duas novas cartas que recebemos depois da publicação do ultimo numero trazem-nos novos argumentos e curiosas revelações, que não podem deixar de vir a lume.

A primeira d'essas cartas é do abalizado professor, sr. dr. Consigliere Pedroso, a quem respeitosa e agradecemos a amavel resposta á consulta que nos permittimos dirigir-lhe.

E' do theor seguinte:

Lisboa, 15 de julho
de 1905.

Ex.^{mo} Sr.

Estou envergonhado por tanto tempo ter demorado a resposta á amavel carta de v. mas ousou esperar que v. relevará a minha falta, occasionada apenas por muitos e inadiaveis affazeres.

Limitando-me a dar o meu parecer sobre o ponto restricto, que v. submetteu á minha consulta, tenho sobre elle a dizer o seguinte: é indifferente a fórma *rabeca* ou *rebeca*, visto que a palavra arabe *rabeb*, *rebeb* não reproduz pela escripta o primeiro *a* ou *e*, e n'estas condições um *a* no arabe do Oriente é igual a um *e* no arabe da Peninsula. Dozy e Engelmann no seu *Glossario* dão as duas fórmas portuguezas equivalentes *rabeca*, *rebeca*.

Quanto ao nome biblico *Rebeca*, diz-se em arabe: *Rifca* e nada tem que vêr com o nome do instrumento. Apenas uma semelhança exterior e de acaso pode originar a confusão.

De v.

com muita estima e consideração

Z. CONSIGLIERI PEDROSO

A outra, firmada pelo sr. Carlos de Mello, completa e desenvolve brilhantemente a argumentação da primeira, com que ha tempos nos honrou este illustre escriptor.

Passamos a transcrevel-a:

Meu caro Lambertini

Tem rasão em deixar a *Arte Musical* aberta a este curioso problema, já que os lexicografos nada adiantaram, mercê de varias supposições e anachronismos em que incorreram. Aproveito pois as suas columnas para

completar a minha carta de pag. 152, não só por dever moral, porque d'esta vez tive tempo, mas também porque o unico modo de esolver a questão é evidentemente o que indicámos a pag. 153 em 4 articulados.

Seguindo pois aquelle methodo, tratámos de investigar no pouquissimo tempo de que dispuzemos, quando se empregou pela primeira vez a palavra *rebeca*, ou a palavra *rabeca*, em substituição de *rabel*, *rebel*, *rabil* e *arrabil*, que representam seguramente o *rebab* arabe nos *Autos* de Gil Vicente, na *Ecloga* 8.^a de Sá de Miranda, no *Diccionario Latino* de Jeronimo Cardoso e na *Ecloga* 16.^a de de Diogo Bernardes, todos do seculo XVI.

Jeronymo Cardoso, porém, chamou ao *arrabil* *arrebeca*, como já dissémos, no seu *Diccionario Lusitano-latino*, publicado em Coimbra em 1601, e não em 1604 como por lapso escrevemos. *Tendo fallecido em 1569*, J. Cardoso é evidentemente o mais antigo dos nossos lexicografos, e representa com autoridade o dizer do povo até ao seculo XVI porque foi reputado mestre da lingua pelo excellente *Diccionario da Academia das Sciencias* impresso em 1793.

No anno seguinte ao da sua morte frei Gaspar da Cruz publicou em 1570 o seu *Tratado em que se contam muito por extenso as cousas da China*, onde nos diz no cap. 14 referindo-se aos instrumentos musicos — «usam também de doçainas e de *rabecas* e de huma maneira de çaramelas, que quasi arremedam as de nosso uso».

Qual é pois anterior? *Arrebeca*. Qual é pois adulterada? *Rabeca*, já que se não pode admittir que o missionario, que andava pela China, soubesse e escrevesse melhor o portuguez do que o mestre da lingua e dictionarista, que em Portugal lhe registava as palavras.

A este tempo já havia violinos ou violatas (desde 1490); e n'este mesmo anno de 1570 Benedetto Varchi no seu *L'Ercolano, o sia Dialogo nel qual si ragiona della lingua* & impresso em Florença, já os mencionava a pag. 290 — E come disse messer Lazzaro di messer Sperone, che chi non poteva sonare il liuto e violini, sonasse il tamburo e le campane».

A palavra *violino* não chegou porem a Portugal; nem julgamos que fosse então conhecida na Hespanha onde aliás o instrumento parece ter entrado, como se deprehende do livro de Riaño *Critical and bibliographical Notes on Early music in Spain*.

Em 1611 Agostinho Barbosa regista no seu *Diccionario Lusitano-Latino*, impresso em Braga, a palavra *Arrabeca*, e manda ver *rabeca*, que não tem. Comtudo diz na sua altura *Rabil* ou *rabeca* lyra rustica! Era o

rebab ou *arrabil*, sob a fórma corrupta de *rabeca*, mais facil de dizer, mais suave, do que *rebeca*.

Assim figura em 1639 na *Lira de arco o arte de tanger Rabeca* de Agostinho da Cruz, impressa em Lisboa, segundo o benemerito Joaquim de Vasconcellos (1) nos *Musicos Portuguezes*.

Não descobrimos este livro em Lisboa. Presumimos porem pelo titulo que a *Rabeca* é ainda a lyra rustica ou *arrabil*, tal qual a descrevem os dictionaristas de então.

Em 1647 Bento Pereira — por todos reconhecido mestre — no *Thesouro* na lingua portugueza chama á *rebeca* lyra rustica, e a *rabil* o mesmo, na columna do R. antes do A. Não traz *violino*.

O mesmo autor na *Tabla* de palavras portuguezas remotas da lingua castelhana, impressa com o *Florilegio* em Lisboa 1655, traz porem como já dissémos, *arrabil* correspondendo ao hespanhol *rabel*, *rebeca* ao hespanhol *violin*, e *rebecão* a *violon*, ao contra-baixo.

Conhecia Bento Pereira o *violin* hespanhol, o violino? Julgamos que não, porque nunca descreveu este instrumento então nem depois. E' verdade que o nome *violin* figura em 1649 no catalogo da livraria de D. João IV nos titulos de varias peças: isto não prova comtudo que o instrumento fosse então conhecido em Portugal, como se vê aliás nas edições posteriores da *Prosodia* de Bento Pereira de 1661 e 1674 onde não ha palavra sobre instrumento algum de 4 cordas.

O certo é porem que n'estas duas edições B. Pereira baniu a palavra *rebeca*, e adoptou *arrabeca* e *rabeca*, a que chamou lyra rustica, pela mesma forma por que *arrabil* e *rabil* eram lyras rusticas! Uma salada!

Mudou a linguagem ou mudou o dictionarista? Parece até que este ultimo nem a si proprio se entendeu, porque ao definir *rabeca* e *rabecão* traduziu-os em latim por *callidus*, isto é coisa que adquiriu callos!!

Bento Pereira foi portanto o primeiro que escreveu *rabecão*. Esta palavra figura também em 1699 no testamento de D. João IV, ao dispôr de 60,000 réis em favor de D. Luiz de Brito que tocava aquelle instrumento.

Principia desde então o registro dubio das duas palavras em *ra* ou em *re*, indicando umas vezes ignorancia do lexicografo, outras confusão ou comparação com o novo instrumento, o violino, a que ora chamam *rebeca* ora *rabeca*.

(1) A quem devemos o *Catalogo completo* da bibliotheca de D. João IV, ricamente annotado, em via de publicação.

Isto quer dizer que admittimos o violino em Portugal na 2.^a metade do seculo XVII, pois que nos parece pouco provavel, que um amator tão apaixonado e tão conhecedor como D. João IV deixasse de mandar vir estes instrumentos tantas vezes mencionados nas obras em seu poder.

Assim Raphael Bluteau no 1.^o vol. do seu *Vocabolario* portuguez-latino, Coimbra 1712 define o *Arrabil*, rabil ou rabel: instrumento pastoril de cordas e arco a modo de Rebeca pequena».

A modo de *Rebeca* pequena... Isto é, definiu o antigo instrumento pelo novo, pelo violino, preferindo comtudo a orthographia antiga.

E em 1720, ao chegar na mesma obra ao 7.^o vol. á letra R. explicou — ainda hesitante — *Rebeca* ou *Rebeca*, pequeno instrumento musico de cordas; deriva-se do Arabico *Rebeb* ou *Rebaba*, tem 4 cordas, etc!

Tambem escreve *Rabecão* ou *Rebecão*; mas em *Rebeca* e *rebecão* manda ver *rabeca* e *rabecão*, dando pois a estes a preferencia.

Vê-se a evolução do seu espirito n'estes oito annos, porque já o violino se generalisára em Portugal, cabendo-lhe assim um novo nome ou um antigo nome modificado — *rabeca* — tanto mais que já o *arrabil* passára á historia.

Eram já conhecidos os violinos em Portugal, ao ponto de chegar a sua fama ao estrangeiro. Walter publicou a pag. 488 do *Musikalisches Lexikon*, Leipzig 1732, a lista dos violinos que em 1728 tocavam — alguns d'elles portuguezes — na capella real de D. João V. Esta lista foi reproduzida a pag. 74 do excellente *Ensaio critico* sobre o Catalogo da livraria d'aquelle rei por Joaquim de Vasconcellos, Porto 1873.

Eis porque Mello Bacellar no seu *Diccionario* de 1783 repudiou *rebeca* como palavra antiquada, e só definiu *rabeca* e *rabecão*. Não admittiu o termo *violino*.

Seguiu no mesmo trilho João de Souza, quando sentiu em 1789 a necessidade de se referir ao novo instrumento nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal*.

Diz elle: «*arrabil*, instrumento musico de cordas e arco, *semelhante á rabeca*; tem o corpo mais largo e o braço mais comprido etc».

Definindo porem *rabeca* (de *Rababa*, voz corrupta, etc) «instrumento musico de cordas e arco», manda-nos ver *Arrabil*! Estragou a propria obra. Tivesse-lhe elle chamado *rebeca*, e tudo ficaria exacto e claro.

Moraes Silva, o *venerando*, no dizer dos lexicografos, fez uma igual salada porque tentou conciliar Bento Pereira com Bluteau, distancia de um seculo. Reformando em

1789 o *Diccionario* portuguez de Bluteau, definiu como elle *rabeca* ou *rebeca* um instrumento de 4 cordas etc».

E' a 2.^a vez que tal definição apparece na linguagem. Ao tratar porem de *arrabil* esqueceu, ou ignorou, a João de Souza, e chamou-lhe instrumento pastoril de cordas como uma rabequinha! *Rabel* é para elle uma *rabeca* rustica de 3 cordas, que dá som muito agudo, e é tambem chamado rabil ou *arrabil*!

A definição de *rabeca* vem mais completa na 1.^a edição do seu *Diccionario* impresso no mesmo anno de 1789, salvo erro. Moraes Silva escreveu: «*Rabeca* (alterado do arabe *rababa*) instrumento musico de 4 cordas, que se ferem com um arco de cordas de cavallo; viola d'arco. V. *Rebeca*. Alguns escrevem *rabeca* e outros *rebeca* em todos os sentidos».

Aqui temos pois a Moraes registando a indecisão da linguagem no fim do seculo XVIII, em que se escrevia indifferentemente *ra* ou *rebeca*. Elle porem optou pela 1.^a syllaba *ra*, porque em *rebeca* nos manda ver *rabeca*.

Que instrumento era porem esta *rabeca*? *Arrabil*, o velho *rebeb*, ou o novo violino?

Era o violino, porque Moraes assim o regista — e fel-o tambem o primeiro de todos — no seu *Diccionario*. Hesita, atrapalha-se, porque define *Violino*, do italiano, *violinha* de arco. uma especie de *rabeca*! (não se riam!). Mas na definição de *violetta*, que elle tambem introduziu nos dictionarios, diz claramente que *rabeca* é o mesmo que violino.

Em resumo, se devemos a João de Souza a 1.^a definição clara de *arrabil* ou *rebeca*, a Moraes Silva pertence a 2.^a definição de *rabeca* como instrumento de 4 cordas, a introdução de *violino* como palavra corrente e a sua correspondencia exacta com *rabeca*.

Esta permaneceu porem como palavra nacional, entrando *violino* como nacionalizada: não do hespanhol como ensinou Bento Pereira em 1655, mas do italiano, como o generalisaram os artistas que o trouxeram para Portugal.

Depois todos seguiram esta corrente. Assim o *Diccionario* da Academia, que parou na letra A, definiu em 1793 *arrabil* como João de Sousa.

Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario* (1798) escreveu sobre a semelhança do *arrabil* com a *rabeca*.

Em 1825 Viterbo, no seu *Diccionario Portatil* impresso em Coimbra, chamou ao *arrabil* *rabeca* pastoril. Pelo meiado do seculo, Domingos Vieira procedeu de igual modo, e definiu *rabeca* como Moraes.

Depois vem Eduardo Faria que reproduz

a Sousa e a Moraes, incluindo o violino, a violetta, etc.

Lacerda, que o continuou, segue as mesmas pizadas, embora introduza na 4.^a ed. de Faria *rebeca* ou *rabeca*. Porém corrigiu-se no *Diccionario Encyclopedico* publicado inteiramente sob o seu proprio nome.

Após chegaram, e ainda bem, o *Diccionario Contemporaneo* do erudito Santos Valente, e o novo *Diccionario* do meu illustre amigo Candido de Figueiredo, omittindo *rebeca* e mantendo *rabeca* para exprimir o violino.

O que é pois licito concluir? O que já concluíramos na 1.^a carta, sem modificação: *rebeca* representa em portuguez o *arrabil*, correspondente ao *rebab* modificado com 3 cordas; *rabeca* exprime o instrumento de 4 cordas, chamado também *violino*.

E deixêmos em paz os dicionaristas, porque é só isto o que elles nos ensinam pacificamente.

Os srs. visconde de Sanches de Frias e Candido de Figueiredo têm por tanto rasão quanto ao presente; o director d'esta Revista tem-n'a quanto ao passado, e o benemerito Theophilo (ou Teofilo?) Braga é exacto quanto á adopção dos dois termos.

Isto seja dito sem fechar a porta á discussão... Ainda ha que esmiuçar, com certeza.

15 de julho de 1905

CARLOS DE MELLO

ERRATA

Tendo-se dado uma judiaria tipográfica, pouco facil de comprehendêr e explicar, na publicação do artigo do sr. Visconde de Sanches de Frias, inserto no número anteriôr, 2.^o periodo, linha 5.^a, onde appareceu uma lêtra diferente da que constava da prova correcta, que temos á vista, transtornando a palavra, burlêsca e desairosamente—apressamo-nos a denunciar a errata, e a pedir desculpa ao autôr do artigo, certificando que onde está—a bem da *troça* nacional, deve lêr-se—a bem da *traça* nacional.



Incorremos n'um imperdoavel lapso deixando de mencionar na resenha do numero anterior a optima *séance* de alumnas que se realisou em 9 d'este mez no *Collegio Inglez* de Mad. Rangel Baptista.

A audição foi muito variada, e salientou-se não só por uma excepcional profusão de peças e de executantes, mas ainda pela excellencia das provas, que suscitaram grandes applausos e elogios por parte da numerosa assistencia que enchia as salas do *Collegio Inglez*.

A maior parte das alumnas pertenciam á classe de uma professora de piano tão modesta quão valiosa, a sr.^a D. Lucila Moreira, a quem nos permittimos endereçar os melhores emoras pelo lisongeiro resultado dos seus trabalhos escolares.

Os professores de bandolim, sr. Alexandre d'Oliveira e de piano, sr. Eugenio Costa, também apresentaram algumas alumnas, que lhes dão honra.



A segunda *matinée* d'alumnos, da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*, effectuou-se na respectiva séde em 16 do corrente.

Declaramos com magua que nos foi inteiramente impossivel assistir a esta audição, que, no dizer unanime dos nossos collegas diarios, representou uma nova manifestação, e bem concludente, de quanto tem conseguido a esforçada tenacidade dos srs. Anselmo de Sousa e Frederico Guimarães, illustres directores da *Sociedade* e a sapiente orientação dos professores Benetó, Garin, Palmeiro, Gonçalves e outros, que tão abalissadamente dirigem as diversas classes.

O concerto terminou com um trio de Haydn, cuja execução, confiada ás sr.^{as} D. Deborah de Sousa, D. Rachel de Sousa e D. Mathilde Brito, foi sobremodo correcta, no dizer dos nossos informadores.



Em 16, á noite, deu o sr. Thomé da Fonseca Borges um concerto no salão do Conservatorio.

Tomaram parte a notavel professora-pianista, sr.^a D. Candida Pires d'Azevedo, a actriz-cantora, sr.^a D. Etelvina Serra e os srs. Castro Vieira, Antonio Brazão, Agustin Rebel, Capistrano dos Reis, etc.



Um *serão musical*, dado em 21 em casa do sr. Maximiano da Silva, merece largamente as honras do registro.

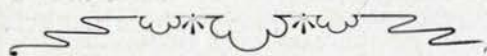
Alem de um sexteto formado pelos srs. Carlos Estevão de Sá, Antonio Silva, Carlos Emilio de Sá, Manoel da Silva, Oliveira Gallo e Augusto Pinto, salientaram-se varios amadores e artistas em peças a *solo* para piano, harpa, canto, violoncello e viola franceza.

No capitulo *piano*, hoje tão abusivamente explorado, seria injustiça não mencionar a talentosa filha do professor Palmeiro, a sr.^a D. Arminda Palmeiro, que na *Chaconne* de Durand mostrou que quer e sabe manter as honrosas tradições paternas. A sr.^a D. Anizia Coelho da Silva é também uma das poucas pianistas, absolutamente seguras, que se não limitam á exhibição de habilidades mais ou menos authenticas; assim, alem de uma *Polonaise* de Bachmann e do *Rondó brilhante* de Weber, evidenciou grande segurança e firmeza de rythmo no primeiro numero do *Trio* de Arensky e outros trechos de conjuncto, em que foi muito applaudida.

Dos filhos do sr. Maximiano da Silva, já aqui temos fallado mais de uma vez; particularmente seu filho Manoel pela forma por que se tem apresentado bastas vezes em publico, já nos tem convencido de que possui estofo para vir a ser um notabilissimo tocador, se persistir no afincado trabalho a que se tem votado e na modestia com que exhibe os resultados d'elle.

Os outros filhos, Antonio, no violino, e Maria Albertina, na harpa, em que tem sido proficientemente leccionada pelo notavel professor Rodrigo da Fonseca, promettem também muito, mas a pequenina Beatriz, pois que ainda não tem 10 annos, virá a ser uma illustração do violoncello, como seu irmão Manoel, tal é a habilidade e vocação que manifestou n'este concerto intimo, tocando uma *Romance* de Weish. A apresentação da encantadora creança foi o *clou* da festa, no dizer de todos os que tiveram a fortuna de a ella assistir.

Outros numeros houve que mereceriam citação, mas a abundancia de original não nos permite ser tão extensos como desejaríamos.



Criticas litterarias

X

O Rig Veda, e as suas principaes divindades.

(Continuação)

Vishnu—Este deus é menos frequentemente invocado do que Surya, Savitri e Pusham. A feição essencial do seu character é que elle dá tres voltas, que representam a carreira do sol pelas tres divisões do universo. Estas tres voltas eram dadas para beneficio do homem.

Ushas.—Deusa da Aurora, unica divindade feminina, invocada com alguma frequencia em vinte hymnos.

O seu nome significa *aquella que brilha*. E' a criação mais gentil da mythologia indiana, cujo encanto não é ultrapassado nas descripções lyricas de qualquer outra litteratura.

Brilha, como a luz do seu amado, como a luz de Surya que illumina o seu caminho. E' *Ushas* que abre as portas do ceu, e das trevas, afasta o negro manto da noite, desperta os animaes e faz voar as aves; é ella que faz despertar os homens, incitando-os a buscar alimento; todos os dias apparece no mesmo lugar, e assim como tem brilhado, assim brilhará para o futuro.

Indra—E' a divindade dominante do ar.

E' uma personificação do *céu tempestuoso* e terrivel no seu cõmbate contra Vrita (o represador das aguas celestes). Indra é um deus guerreiro, principalmente invocado no transe difficil das batalhas. Indra apparece no Avesta onde é invocado como um demõnio. Indra nos Brahmanes e nos Epicos é o verdadeiro chef do céu iddiano como Vãruna o foi nos primeiros tempos da época vedica.

Rudra—A posição occupada pelo deus Rudra no Rig-Veda é muito differente da de Indra. E' apenas celebrada em 3 ou 4 hymnos. Diz-se que está armado com arcos e settas e outras vezes com o relampago e o raio.

E' um deus feroz e destruidor; é até chamado o *ruivo porco monteç do ar!* Mais tarde é conhecido pelo nome de Civa-auspicioso já a elle applicado no Rig-Veda.

Rudra é considerado um medico celeste, e n'este o unico traço que o separa d'um verdadeiro demõnio.

Maruts—São deuses da tempestade que têm alguma importancia entre as divindades do Rig-Veda.

São filhos de Rudra e da nuvem Pricivi. São armados de elmos e de montantes com que fazem uma guerra terrivel. São em algumas passagens do Rig-Veda considerados cantores, o que é uma allusão aos ventos tempestuosos.

Vaya-Vata—E' o deus dos ventos. Nos hymnos está quasi sempre ligado a Indra e a Parjanya.

Parjanya—Deus da chuva, só é invocado em tres hymnos, e é sómente mencionado umas trinta vezes no Rig-Veda. O seu nome significa *nuvem da chuva*.

(Continúa).

JOÃO DERSTAL

PRAIAS E THERMAS

DESPOVOA-SE a cidade e começa a peregrinação para as estações thermaes e d'aqui a poucas semanas para as praias da moda.

Dança-se e flirta-se nos clubs: ouve-se também um bocado de musica.

Ouve-se? Nem sempre; mas é de rigôr que haja um *Quarteto* ou um *Sexteto* nos principaes centros onde se reúnem os forasteiros, e que esse grupo musical, composto ás vezes dos melhores artistas, sirva de acompanhamento obrigado ás discussões da politica, ás caturrices da jogatina, ás palestras sobre os ultimos figurinos e aos arulhos dos namorados.

Os proprietarios dos *Clubs e Casinos* porfiam em apresentar bons concertistas e quando julgam não os encontrar por cá, vão recrutar-os a Hespanha. Parece-nos interessante dar nota de quaes sejam esses grupos de artistas, nos diversos centros balnearies e thermaes do paiz.

Que nos relevem os que, por ignorancia nossa, não forem citados.

CASINO PENINSULAR (Figueira)

Pedro Blanch, (*1.º violino*)
Santos Moreno, (*2.º violino*)
Manuel Montano, (*violeta*)
João Passos, (*violoncello*)
Manuel J. de Paiva, (*contrabaixo*)
José Bonnet, (*piano*)

CASINO MONDEGO (Figueira)

Francisco Benetó, (*1.º violino*)
Santos Moreno, (*2.º violino*)
José Pastrana, (*violeta*)
Augusto M. Palmeiro, (*violoncello*)
Rufo Miranda, (*contrabaixo*)
Vago por hora..... (*piano*)

CASINO HESPANHOL (Figueira)

Julian Sanz, (*violino director*)
Guilherme Damaso, (*violino*)
Angelo Minelli, (*flauta*)
Luiz Monteiro, (*violeta*)
Elisa Von Stein, (*violoncello*)
Antonio Navarro, (*piano*)

CASINO OCEANO (Figueira)

Antonio Santos, (*flauta*)
Angel Abad, (*1.º violino*)
José Arroyo, (*2.º violino*)
Segismundo Romero, (*violoncello*)
Carlos Romero, (*contrabaixo*)
Agosti Salvans, (*piano*)

CAFÉ EUROPA (Figueira)

Richard Koch, (*director*)
3 senhoras allemans.

HOTEL CLUB (Caldas)

Julio Cardona, (*1.º violino*)
Ivo da Cunha e Silva, (*2.º violino*)
J. Nepomuceno Ramos, (*violeta*)
José Henrique dos Santos, (*violoncello*)
João Antonio da Silva, (*contrabaixo*)
Manuel Tavares d'Oliveira, (*piano*)

IBERIA CLUB (Caldas)

Duarte Machado, (*1.º bandolim*)
Antonio Duarte, (*2.º bandolim*)
José Antonio dos Prazeres, (*viola*)
João Alves Castello, (*viola baixa*)
Luiz da Silva, (*guitarrão e solista de guitarra*)

FOZ DO DOURO

Manuel Romero, (*1.º violino*)
José G. de Magalhães, (*2.º violino*)
Arthur A. Duarte, (*violeta*)
Joaquim Boigas, (*violoncello*)
Filippe da Silva, (*contrabaixo*)
Julio Silva, (*piano*).

CASINO INTERNACIONAL (Mont'Estoril)

Julio Francés, (*1.º violino*)
Manuel Alvarez, (*2.º violino*)
Conrado del Campo, (*violeta*)
Luiz Villa, (*violoncello*)
Salvador Santos, (*contrabaixo*)
Francisco Enguita, (*piano*)

E eis aqui musica mais que sufficiente para preencher um verão. O que é para lastimar é que seja preciso lançar mão de tantos artistas estrangeiros (a maioria) e que não nos possamos arranjar com... a prata da casa.

Presta-se o facto, deploravelmente symptomatico, a considerações varias que talvez aqui não viessem descabidas e, em bôa verdade, não é por falta de espaço que d'esta vez nos inhibimos de as fazer. Mas é tão desoladôr entrar em certos pormenores...



DO PAIZ

Devem ser em principios de outubro, no Conservatorio, os concursos annuaes para a adjudicação de premios aos alumnos que mais se distinguiram e para admissão nos cursos superiores.

Nos cursos de piano as peças exigidas são as seguintes: — Para o 5.º anno do curso geral, *Rondó brilhante* (op. 62) de Weber; para

o 3.º anno do curso superior, *Scherzo* (op. 31) de Chopin; para admissão ao curso superior, *Aria variada em si bemol maior* (numero 210) de Haendel.



As ultimas noticias da primorosa violoncellista portugueza, D. Guilhermina Suggia, datam de Karlsbad, onde a notavel artista tem dado algumas lições com o grande violoncellista Popper.

Dará brevemente um concerto em Vienna d'Austria.



Partiu para as Caldas da Rainha, seguindo mais tarde para Extremoz, o illustre professor Thimoteo da Silveira.



Noticias militares:

— Pediu transferencia para infantaria 2 o musico de 1.ª classe de infantaria 15, sr. Francisco de Mattos.

— Requereu para ir servir no ultramar, na classe immediata, o musico de 3.ª classe de infantaria 4, sr. Julio Antonio da Silva.

— Teve passagem para infantaria 4, o musico de 1.ª classe de infantaria 23, sr. Alfredo Vicente d'Almeida.

— Foi promovido a musico de 3.ª classe para caçadores 2, o aprendiz de infantaria 10, sr. Adolpho Augusto dos Prazeres.

— A banda d'infantaria 2 vae no dia 14 do proximo mez a Villa Viçosa, afim de ali abrihantar uma festa.

A de infantaria 12 vae pela mesma epoca tomar parte nos festejos de Gouveia.

— Teve passagem á 2.ª companhia de reformados o musico de 2.ª classe de infantaria 21, sr. Manuel da Rocha Quintas.

— Pediu passagem á guarda municipal do Porto, o musico de terceira classe de infantaria 27 sr. Alexandre Herculano Moreira, e para mudar a residencia para Braga o mestre de musica reformado sr. João Carlos de Sousa Moraes.



A eximia cantora, sr.ª D. Sarah Motta Vieira Marques partiu, com seu esposo, para o Mont'Estoril, onde passará a estação calmosa.



O maestro José Lorient, que esteve escripturado no Colyseu, como ensaiador de coros, foi para Barcelona dirigir a companhia lyrica d'aquella cidade.



Na excellente revista parisiense, *L'echo musical* (numero 22), depara-se-nos uma pormenorizada biographia do nosso notavel

compatriota Francisco de Lacerda, em que se tecem os maiores elogios aos talentos de director d'orchestra e de compositor, que caracterisam o simpathico artista e que o tem singularizado na capital franceza n'estes ultimos annos, por uma forma verdadeiramente digna de registro.

O artigo é firmado por Ch. Adrianne.



Foi passar as férias á Allemanha o distinctissimo professor Hernani Braga.



Devemos a um obsequioso correspondente as melhores noticias ácerca do violoncellista David de Sousa e do pianista Hernani Torres, que, como é sabido, estão em Leipzig com pensão do estado.

David de Sousa trabalhou já os estudos de Lee, Grützmacher e Dupont, bem como varias obras de Bach e os concertos de Romberg, Lindner, Molique, Livert, etc. Está preparando agora, sob a direcção de Julius Klengel, os estudos technicos de Bernhard Hosman e o magnifico *Concerto de Saint-Saëns*.

Quanto a Hernani Torres estuda o repertorio chopiniano e aperfeiçoa diversas obras de Bach, Liszt e outros grandes auctores, com singular satisfação do seu professor, Robert Theichmüller, que diz d'elle em uma carta que escreveu para Lisboa: — «Tenho-o como um dos meus discipulos mais queridos, não só por ser extraordinariamente applicado, mas ainda por lhe reconhecer verdadeiro talento artistico. Nutro as melhores esperanças de fazer d'elle um excellente concertista.»

Ha apenas dez mezes que David de Sousa e Hernani Torres estão cursando em Leipzig e pelas informações que deixamos exaradas, se vê que tem sabido corresponder condignamente á protecção governamental.



Partiu para as Caldas da Rainha o nosso collaborador e illustre critico musical do *Correio Nacional*, sr. Alfredo Pinto (Sacavem).



Sob a direcção do sr. Daniel Lacueva organisou-se em Lisboa uma orchestra denominada á *zingara* e que se comporá dos seguintes distinctos artistas:

Carlos Estevão de Sá (*violino-solista*), Apprigo Antonio (*1.º violino*), Pedro Antonio de Barros e Carlos Pons (*2.ºs violinos*), José N. Ramos e José Eloy (*violetas*), Alvaro dos Santos e Antonio Fuertes (*violoncellos*), Amilcar dos Santos e Miguel Marques (*contrabaixos*), Domingos C. Lacombe (*flauta*),

Severo da Silva (*clarinete*), Antonio Fonseca (*oboe*), João Manoel Gonçalves (*fagote*), Alfredo S. Lino (*piano*) e Daniel Lacueva (*maestro-director*)

Alem das peças característica d'este genero d'orchestras, o repertorio será dos auctores mais em evidencia e compor-se-ha de obras symphonicas, extractos d'operas, musica de baile, etc.



Encontra-se nas Caldas da Rainha a distincta professora do Conservatorio, sr.^a D. Adeline Rosenstok.



São as seguintes as alumnas que concluíram o curso geral de piano no Conservatorio, até ao momento do nosso jornal ser dado á typographia :

Alice Cremilde Pessôa	6	valôres
Alice das Dôres d'A. Ribeiro	7	"
Alice de Jesus Pedroso	10	"
Alice da Costa Monteiro	8	"
Amelia Alice Restani	6	"
Amelia da Conceição Chamusco	7	"
Angela Freire Costa	10	"
Aurora Vasconcellos Pereira	8	"
Beatriz L. Ramos Chaves	7	"
Belmira d'Assumpção L. Pereira	8	"
Bertha da Conceição Rodrigues	9	"
Branca B. Bello de Carvalho	8	"
Carmina Cecilia Correia	9	"
Christina da Luz R. Marques	9	"
Eduarda Maria da Cruz	7	"
Elvira Paes dos Santos	6	"
Hermínia A. d'Oliveira	8	"
Hortensia R. Elvira Lopes	9	"
Judith Martins Pereira	6	"
Julia Moreira	8	"
Leonor de Sousa Amorim	8	"
Lucilia Sampaio Duarte	9	"
Lydia Ondina d'Araujo	9	"
Marcolina Oliveira Nevês	7	"
Maria A. Martinez Junqueira	9	"
Maria da C. L. Fernandes	5	"
Maria das Dôres C. e Silva	6	"
Maria Emilia B. Martins	10	"
Maria G. Cordeiro de B. Faria	5	"
Maria Lucilia Leoni	9	"
Maria L. da C. P. Barreto	8	"
Zilda M. d'A. Pires Figueiredo	9	"

DO ESTRANGEIRO

Os professores do Conservatorio de Paris offereceram collectivamente um admiravel bronze de Chapu, *La Jeunesse*, ao ex-director Theodore Dubois, na occasião em que este lhes apresentava as suas despedidas.

A cerimonia da offerta effectuou-se na

sala pequena dos exames, tomando a palavra o professor Lenepveu, para em phrase commovida e eloquente rememorar os altos serviços prestados por Theodoro Dubois ao progresso do Conservatorio, cuja direcção acaba de abandonar.



A epoca da *Scala* de Milão começará este anno em 26 de dezembro, prolongando-se um pouco mais do que o costume para poder attingir a inauguração da projectada exposição milaneza.

Figuram no elenco umas dez operas e entre ellas a recente composição de Alberto Franchetti, *La figlia di Jorio*.

Rosina Storchio e os barytonos Stracciari e Giraltoni fazem parte da companhia.



A legendaria casa de Romeu e Julieta, em que fallavamos no numero anterior, foi adjudicada ao municipio de Verona pela quantia de 2:800.000 réis. Por tão diminuto preço valeu deveras a pena conservar esse modesto padrão d'aquelles historicos amôres e não o deixar profanar por qualquer comprador vulgar, para quem a arte e a literatura fossem cousa banal e inutil.



Por occasião do 150.^o anniversario do nascimento de Mozart, em 27 de janeiro de 1906, far-se-hão festas especiaes em Vienna d'Austria.

Cantar-se-ha a serie das principaes operas do musico divino—o *Casamento de Figaro*, o *D. João*, o *Rapto no Serralho* e a *Flauta magica*.

Será Gustave Mahler o *maestro* encarregado de ensaiar e dirigir estas peças.



Um dos nossos excellentes collegas estrangeiros, *L'echo musical*, de Bruxelias, que tinha bruscamente desaparecido da circulação, depois de uma honrosa existencia de 20 annos, vem novamente visitar-nos por amabilidade do seu director e proprietario, o nosso bom amigo Victor Mahillon.

Desejamos-lhe todas as prosperidades.



A grande cantora Melba foi agora escripturada em Londres para cantar quatro pequenos trechos em casa d'um millionario americano, ali residente.

O *cachet* ascendeu á cifra verdadeiramente fabulosa de 5 contos de réis!

❖

A companhia lyrica Rotoli, que ha mezes percorria o Brasil, foi detida no Pará pela febre amarella, que victimou a esposa do tenor Castellano e alguns coristas.

Em vez de seguirem para Manaus, onde eram esperados, os artistas da companhia, justificadamente atemorizados, reembarkaram para a Europa.

❖

Na noute de 14 d'este mez houve, como de uso, espectaculos gratuitos na *Opera* e na *Opera Comica* de Paris, cantando-se respectivamente a *Aida* e a *Carmen*.

Na *Opera* deu-se um facto curioso. Uma boa hora antes de se abrir a porta, accumulava-se já uma compacta multidão á porta do edificio e fazia-se uma *queue* um tanto inquieta. Mas o barulho subiu de ponto e assumiu proporções assustadoras quando se viu abrir certas portas do theatro, quasi sorrateiramente, para dar entrada a diversos grupos, que parecia gozarem de especiaes immunidades...

Os gritos atroavam os ares: por pouco se não declara um verdadero motim popular. Foi preciso então explicar ao povo que aquelles privilegiados espectadores eram os cegos de varias escolas e associações, a quem se pretendia dar os melhores logares; tanto bastou para que os turbulentos manifestantes de ha pouco rompessem em uma extraordinaria chuva de palmas, e de applausos.

❖

O museu da Opera de Paris que já dispõe d'um avultado numero de reliquias artisticas, referentes principalmente a cantôres e compositôres de opera, acaba de enriquecer a sua collecção com um busto do celebre libretista Luiz Gallet, em marmore, e com uma viola franceza, que pertenceu a Gounod, e em cujo estojo ha uma inscripção autographa do famoso auctor do *Fausto*.

❖

The Besses of the Barn, a mais celebre sociedade musical ingleza, que conta cem annos de existencia e é exclusivamente composta de tecelões e operarios metallurgicos, esteve ultimamente em Paris e deu um grande concerto no Trocadero, com fins caritativos.

❖

Em maio do anno proximo, cantar-se-ha no theatro Sarah Bernhardt, de Paris, uma nova opera de Camondo, sobre poema de Victor Capoul e com o titulo de *Clown*.

❖

Deve revestir o maior brilho o grande Cortejo Historico que se prepara em Bruxellas para solemnizar o anniversario da independencia e que terá effeito nos primeiros dias do mez proximo na formosa capital da Belgica.

N'este cortejo, que representará a historia do paiz desde o seculo XIV até á actualidade, figurarão mais de 30 grupos musicaes, com os instrumentos e trajos adequados a cada uma das epochas e factos historicos mais notaveis da nação belga.

Assim vêr-se-hão desfilar trombetas, timbales, charamelas, sacabuxas, buzinas, clarins, etc., bem como varios instrumentos populares, caracteristicos das diversas epochas e regiões.

Houve que reconstruir grande numero de instrumentos antigos, de forma a corresponderem exactamente ás circumstancias evocadas e houve que constituir uma comissão de professores, nada menos que Gilson e Agniez, do Conservatorio e Lecail, mestre do regimento de granadeiros, para reconstituir e orquestrar os trechos de musica precisos.

Mas na Belgica as cousas d'arte são sempre olhadas a serio e caprichosamente estudadas. Pouco mais ou menos como em certo paiz occidental que nós todos conhecemos...

❖

O lugar de directora da classe de canto e opera no conservatorio Rodolphe Kaiser de Vienna, que vagara pelo recente fallecimento da cantora Kufper-Berger, acaba de ser outhorgado á celebre Amalia Materna.

❖

Foi nomeado director do Conservatorio de Parma o maestro Guido-Alberto Fano. Devem-se-lhe, como compositôr, sonatas para piano e violoncello, uma abertura para orchestra, varias peças religiosas e uma cantata.

❖

Vae-se reunir, de 16 a 19 de agosto, em Strasburgo, um congresso internacional para o estudo das diversas questões que prendem com o canto gregoriano e com o *motu proprio* que o papa Pio X promulgou ha tempos a proposito da musica sacra.

❖

No Theatro Carlos Gomes (Rio de Janeiro) representou-se em portuguez a opera *Carmen*, desempenhando o papel de protagonista a nossa actriz-cantora Medina de

Sousa e sendo a *mise-en-scène* do escriptor e jornalista portuguez Tito Martins.



Uma senhora saxophonista. O caso não é vulgar e crêmos mesmo que será o unico.

A senhora Elisa Hall, que se tem dedicado ao estudo do saxophone com grande sollicitude, deu ha pouco um *recital* na sala Pleyel, executando peças de Vincent d'Indy e outros compositores, com excepcional applauso.



Um novo livro sobre J. Sebastian Bach

Albert Schweitzer publicou pela casa Breitkopf e Härtel um livro sobre *Bach* «le musicien-poète» que desejo recommendar o mais calorosamente possível aos meus compatriotas, porque como está escripto em francez está ao alcance de todos. E' um dos livros mais importantes que se tem escripto sobre este gigante da musica, em Portugal infelizmente pouco conhecido pela falta de sociedades coraes e de organistas, porque a musica de piano é só uma parte da sua obra colossal e não se sabe quem foi Bach sem conhecer-se a musica vocal e de orgão d'elle. O livro de Schweitzer divide-se em cinco partes. Na primeira passa em revista a musica sacra antes de Bach, na segunda conta a vida e caracteriza o homem, na terceira trata da genese das obras, na quarta, a mais importante, faz um estudo aprofundado da linguagem musical de Bach, em que representa admiravelmente o seu symbolismo, na quinta dá indicações preciosas demonstrando uma fina comprehensão para a execução das obras. Mesmo quem não tiver occasião de ouvir as cantatas de Bach fica sabendo depois de ler este livro que immenso espirito, que possante creador esse homem foi.

J. VIANNA DA MOTTA.



Como curioso reclamo da conhecida casa Delettrez recebemos uma perfumada valsa, com o titulo de *Sinhá*, composição da sr.^a D. Maria Amelia de Paiva.

Não é por metaphora que lhe chamamos perfumada, pois a mofina da peça, se sôa bem, ainda... cheira melhor.

Devemos o offerecimento ao sr. Germano A. Ferreira (rua de S. Nicolau), a quem agradecemos a amabilidade.



Ao sr. Olympio Filgueiras, distincto amador de musica e proprietario do armazem de musicas da rua do Principe, n.º 1, apresentamos os nossos sentidos pezames pelo fallecimento de sua extremosa filha, D. Virginia Julia da Silva Filgueiras.



No estrangeiro falleceram os seguintes artistas: *Léon Achard*, professor de opera comica no Conservatorio de Paris e antigo tenor lyrico; *Alfred Volkland*, director de varias sociedades musicas de Basilea, e antigo mestre de capella de Sondershausen, e o professor *Wilhelm Kuppe*, um dos fundadores da sociedade que tomou por titulo *A casa de Beethoven* e que teve por tarefa primordial a aquisição da casa onde nasceu o Mestre.

Sob o titulo de *A Nossa Patria* publica-se em Lisboa uma revista bi-mensal que é uma verdadeira *illustração popular*, unica no seu genero entre nós, inserindo em cada numero 10 a 12 gravuras primorosas, acompanhadas de collaboração escolhida e distinctissima, em prosa e verso. Formando no fim de cada anno um bello volume com cerca de 300 gravuras, tem por preço de assignatura annual 1,260 réis, o que já constitue uma barateza até agora não attingida por nenhuma das illustrações do nosso paiz.

Para os assignantes do nosso jornal esse preço é reduzido a 1,000 réis, comtanto que ao enviarem o pedido da assignatura da interessante revista o façam acompanhar da referida quantia, em vale do correio ou em sellos de franquia, enviando tambem o ultimo recibo que do nosso jornal tenham pago, para provar a sua identidade. Os que não tiverem este recibo, ou não quizerem enval-o, podem, sendo nossos assignantes, fazer a requisição da magnifica revista por nosso intermedio, incumbindo-nos nós de fazer a respectiva assignatura por aquelle preço excepcional, o que a mais ninguem é concedido.

A Nossa Patria tem merecido as mais honrosas referencias de toda a imprensa portugueza e é já das revistas que maior numero de assignaturas conta em todo o paiz, Brazil e colonias portuguezas.

A concessão aos nossos assignantes é feita durante o decurso do mez proximo, apenas.



Constituiu-se em Setubal uma commissão, a que preside o sr. visconde de Castilho, e que tem por intuito promover a celebração do centenario do grande poeta Bogaço.

Por nos ter sido sollicitado e apesar de sahirnos por um momento da especialidade da nossa revista, é com o maior prazer que juntamos o nosso apello ao da imprensa diaria, para que todos aquelles que se interessam pelas cousas d'arte, em qualquer das suas manifestações, não hesitem em prestar o seu apoio a tão sympathica iniciativa.